

**UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS – UNIEVANGÉLICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Amanda Fernandes Pereira, Bianca Lúcia De Deus Moura, Isabella Santiago  
Pimentel, Maria Heloiza Poloniatto Silva.**

**SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SEUS  
POSSÍVEIS DANOS PSICOLÓGICOS PARA AS CRIANÇAS**

**ANÁPOLIS**

**2023**

**Amanda Fernandes Pereira, Bianca Lúcia De Deus Moura, Isabella Santiago  
Pimentel, Maria Heloiza Poloniatto Silva.**

**SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SEUS  
POSSÍVEIS DANOS PSICOLÓGICOS PARA AS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à  
Universidade Evangélica de Goiás–  
UniEvangélica, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharelado em  
Psicologia.

Orientador(a): Ma. Regina Célia Alves da  
Cunha

**ANÁPOLIS**

**2023**

**AMANDA FERNANDES PEREIRA, BIANCA LÚCIA DE DEUS MOURA,  
ISABELLA SANTIAGO PIMENTEL, MARIA HELOIZA POLONIATTO SILVA.**

**SUPEREXPOSIÇÃO INFANTIL NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SEUS  
POSSÍVEIS DANOS PSICOLÓGICOS PARA AS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à  
Universidade Evangélica de Goiás–  
UniEvangélica, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharelado em  
Psicologia.

Orientador(a): Ma. Regina Célia Alves da  
Cunha

Banca Examinadora

Prof. Ma. Regina Célia Alves da Cunha  
Professora-Orientadora  
Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica

Prof. Dra. Heren Nepomuceno Costa Paixão  
Professora-Convidada  
Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica

Anápolis, 04 de dezembro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e para a conclusão bem-sucedida do nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, queremos agradecer a nossa orientadora Ma. Regina Célia Alves da Cunha, pela orientação diligente, paciência e valiosas sugestões ao longo deste processo. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho.

Às nossas famílias e amigos, que sempre nos apoiaram e encorajaram, proporcionando um ambiente propício para a dedicação a este estudo. O apoio incondicional foi a força motriz que impulsionou nossa jornada acadêmica.

Agradecemos também a todos os professores e colegas que compartilharam seus conhecimentos e experiências, enriquecendo assim a nossa formação acadêmica.

Por último, mas não menos importante, agradecemos uns aos outros, membros deste grupo, pela colaboração, esforço conjunto e comprometimento durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Cada um teve um papel vital para o sucesso alcançado. Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e apoio de todos vocês.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, os possíveis danos psicológicos para as crianças que são superexpostas nas redes sociais digitais. Considerou também a importância de se compreender o avanço das redes sociais digitais e o seu impacto na sociedade, além do processo de adultização infantil nessas redes. Os principais autores utilizados como referência para se estudar sobre esse assunto foram: Erikson (1972), Papalia & Feldman (2013), Dias (2001), Roché (1994), Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), Araújo (2016) e Haley (2020). A partir de uma perspectiva sobre a saúde mental infantil, diante do atual cenário, os possíveis prejuízos psicológicos infantis evidenciados nesse trabalho, em decorrência dessa problemática, foram: danos ao desenvolvimento da identidade, sentimento de insegurança e necessidade de aprovação, os quais, afetam diretamente na autoestima e podem acarretar distúrbios alimentares e do sono. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão do impacto psicológico destas características, fornecendo abordagens qualitativas, descritivas, explicativas e fundamentais.

**Palavras-Chave:** redes sociais digitais, superexposição infantil, danos psicológicos

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Relatar o avanço das redes sociais digitais e o seu impacto na sociedade .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Discorrer sobre o processo de adultização infantil nas redes sociais digitais.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 Possíveis danos psicológicos causados pela superexposição infantil nas redes sociais digitais.....</b>	<b>17</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a atual superexposição infantil nas redes sociais digitais, torna-se necessário que esse assunto seja abordado pela psicologia com o objetivo de que sejam estudados os possíveis danos psicológicos que isso poderá causar para as crianças no futuro. Devido essa temática ser bastante atual, nesse estudo, será abordada a partir de hipóteses embasadas em estudos científicos de autores que corroboram para essa questão. Isso, pois, esses impactos psicológicos poderão ser notados no decorrer do desenvolvimento infantil até a sua fase adulta.

Ao longo da história, a concepção de infância nem sempre existiu, na Idade Média, por exemplo, a criança era vista como um miniadulto e, somente na Idade Moderna, a criança tornou-se um ser que passou a ser visto como um indivíduo singular (Aries, 1986). Nesse sentido, percebe-se que nem sempre a criança foi vista pela sociedade como um ser em pleno desenvolvimento a qual necessita de atenção e que seus direitos sejam respeitados. No entanto, embora atualmente a sociedade tenha consciência disso, com o advento das redes sociais na internet, a superexposição infantil nessas redes digitais está desrespeitando não somente a privacidade dessas crianças, mas também uma fase tão importante na vida de qualquer sujeito: a infância. Visto que, com frequência, não há filtro entre o que é do mundo infantil e o que é do mundo adulto e assim, as crianças são inseridas em um meio em que seus comportamentos são equiparados aos de adultos. Desse modo, surge-se a questão: seria essa uma nova forma de tornar a criança em um miniadulto no século XXI?

Com base nisso, entende-se que é imperioso que se tenha uma atenção voltada para essa questão, visto que a superexposição infantil nas redes sociais digitais pode acarretar danos psicológicos em várias áreas emocionais da sua vida, como na formação da sua identidade, autoestima e confiança. De acordo com Guizzo e Beck (2011), na atualidade, as crianças sofrem uma grande influência do mundo adulto sobre a excessiva atenção com a aparência e estética. Nesse sentido, é perceptível que quando uma criança é inserida em um meio em que a sua exposição é comparada e até mesmo está em competição com a exposição de adultos, isso tende a ficar cada vez mais prejudicial à infância, pois nessa fase, seus interesses e deveres deveriam ser focados em seu desenvolvimento e bem-estar. Segundo Erikson (1982), na terceira infância, passa a ser um estágio denominado de produtividade *versus* inferioridade e desenvolve a capacidade de compreender as habilidades produtivas, de acordo com a sua cultura, a qual o seu sentimento de autoestima está interligado à sua capacidade de produzir. Pretende-se, a partir do exposto, analisar os possíveis danos psicológicos provocados pela superexposição infantil

nas redes sociais digitais, para compreender como esse fenômeno influencia no desenvolvimento infantil, mais precisamente no âmbito emocional e psicológico. Objetiva-se assim, possibilitar uma análise de como a formação da identidade e da autoestima da criança poderão ser afetadas em decorrência desse fenômeno.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A sociedade contemporânea testemunhou um rápido avanço das redes sociais digitais, transformando a forma como nos comunicamos, compartilhamos informações e construímos relações interpessoais. Esse fenômeno, marcado pela ampliação do acesso à internet e pela proliferação de plataformas online, tem desencadeado uma série de discussões e reflexões sobre seus efeitos, especialmente no que diz respeito à exposição das crianças a um ambiente virtual muitas vezes desafiador.

No contexto desse avanço, torna-se imperativo explorar o referencial teórico composto por autores que se dedicam à pesquisa e análise do uso das redes sociais e seu impacto na sociedade. Compreender esse processo é essencial, uma vez que ele estabelece as bases para a análise do impacto psicológico resultante da superexposição infantil nas redes sociais, uma prática muitas vezes conduzida pelos próprios responsáveis.

Nesse sentido, a adultização das crianças nas redes sociais emerge como uma preocupação central. A exposição precoce a conteúdos inadequados, desafios perigosos e padrões de imagem corporal irreais são elementos que suscitam questionamentos sobre as consequências psicológicas para as crianças superexpostas. Autores que contribuem para esse debate, destacando a necessidade de considerar não apenas a influência das redes sociais, mas também os riscos associados à adultização prematura de crianças nesse contexto digital.

### **2.1 Relatar o avanço das redes sociais digitais e o seu impacto na sociedade**

É fato que a sociedade sempre passou por grandes transformações de vários aspectos, como: culturais, comportamentais e tecnológicos ao longo de sua história, pois é evidente que esse meio de comunicação e interação digitais também é um grande fator de contribuição para essas metamorfoses sociais.

Sem dúvidas, um grande período de desenvolvimento tecnológico que marcou o modo de agir da humanidade se deu a partir da revolução industrial, que teve início na Inglaterra a partir da segunda metade do século XVIII. A partir desse grande marco histórico, o homem mudou o seu modo de trabalhar, produzir e de se relacionar, pois as novas formas de trabalho e tecnologias impactaram diretamente nessa questão. Analogicamente, pode-se dizer que o atual avanço das várias plataformas digitais de interação, as redes sociais digitais, também tem influenciado sobremaneira a sociedade.

Por volta dos anos 70 a internet surgiu, e em decorrência desse surgimento, a sociedade se modificou e se adaptou ao novo formato de comunicação e estrutura social. Neste cenário,

Bell (1973) discorre sobre a tecnologia digital e prenuncia seu crescente desenvolvimento e progresso antes mesmo de seu fortalecimento, e advindo deste crescimento, ocasionaria o tumulto na sociedade. Para ele a sociedade pós-industrial seria marcada pelo impacto da disseminação de informações, iniciando assim, um novo sistema, e dentro desta realidade, essa nova forma de se relacionar tem por muitas vezes alterado e substituído as interações e presença física.

Em meados dos anos 90 a primeira rede social surge, com o objetivo de conectar estudantes da faculdade, desde então a popularização e avanço das redes toma proporções enormes como instrumento de interação social. Nessa perspectiva, segundo Castells (1999), as redes sociais digitais podem ser entendidas como uma nova perspectiva de ordenação global, pois as redes constituem uma nova estrutura social da sociedade, as quais alteram substancialmente a execução e os efeitos dos desenvolvimentos produtivos e de experiência, poder e cultura. Nesse sentido, pode-se dizer que havia um mundo antes do surgimento das redes sociais digitais e, atualmente, há a existência de uma nova configuração global, visto que esse avanço digital modificou as relações sociais. A partir disso, há a percepção que as interações sociais não são mais as mesmas, visto que, no mundo virtual, preza-se pela popularidade, além da cultura de superexposição frequentes nas redes do cotidiano dos usuários.

Sibilia (2008), corrobora que o surgimento dos meios de comunicação junto às tecnologias em evolução constante no século passado foi de grande impacto na sociedade. No entanto, no século XXI, o crescimento e fortalecimento dos mecanismos de comunicação dentro de ambientes virtuais e redes digitais, em amplitude global, alcançou várias camadas sociais, e trouxe mudanças vertiginosas, que acompanham a evolução dentro de tais tecnologias.

Compreendendo o aspecto com que as redes sociais digitais, com sua nova forma de interação, transforma e intervém no comportamento humano, Recuero (2009), dispõe que essas redes oferece um meio para que ligações, representações e idealizações de indivíduos se conectem, e sejam capazes de se ligarem, permitindo troca de saberes e construção de vínculos, podendo isto ser mantido até mesmo por desconhecidos, flexibilizando os tipos de laços a serem construídos. “Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias.” (Recuero, 2009, p.44).

Goulart (2014) salienta que as redes sociais digitais por serem um meio em que os indivíduos poderão participar de forma ativa, esses também influenciarão não só o espaço, mas também a criação, produção, partilha e divulgação de conteúdo. Essas redes permitem aos seus usuários se expressarem, produzirem conteúdos e compartilharem informações que são do seu

interesse. No entanto, ele destaca que a liberação total da tomada da palavra, a disseminação de dados e informações, além do leviano engajamento podem engendrar conflitos de informação, de natureza cultural, étnica, de gênero e de religião, entre outras.

Berkman et al. (2022), diz que as redes sociais que compõem as estruturas dessa rede trazem ideias e comportamentos que são adquiridos e moldados pelas possibilidades e restrições de comportamento diante a rede. As respostas comportamentais e emoções das pessoas que colocam o seu dia a dia em aberto a milhares de pessoas, é proporcionado de acordo com as limitações dentro da internet.

Como grande pensador da modernidade, Zygmunt Bauman (1999), traz em sua obra o “mal-estar da pós-modernidade” reflexões acerca do confronto entre a segurança de uma sociedade estável e a “vontade de liberdade”, sendo essa a marca primordial para a pós-modernidade. Para o autor o pressuposto da sociedade pós-moderna se caracteriza pela desregulamentação e pela instabilidade, onde a comunicação em vez de produzir evolução, sufoca e inunda a mente. E seria esse o grande impacto das redes sociais na sociedade, os usuários se apropriam desse ambiente e dessa nova forma de ordem para se tornarem livres sem restrições e sem delimitarem perigos e prejuízos.

Bauman (1925), afirma que uma das maiores preocupações dos seres humanos é o medo da solidão. A criação das redes sociais é um reflexo dessa atitude, buscar maneiras para preencher esse vazio, sendo que, dentro destas o vazio não existe. Sempre existe alguém disposto a escutar ou até mesmo ler o que a pessoa está fazendo e sentindo. As pessoas se tornam dependentes das redes sociais devido ao seu vício. Não existem mais encontros com pessoas, pois foram substituídas por tecnologias que podem oferecer somente aquilo que a pessoa quer ouvir e ver.

O ser humano é um ser relacional, ele precisa das relações para que possa se comunicar fazer parte de uma sociedade e até mesmo para sua própria reprodução. Dios (2019) reitera que por meio da internet, as pessoas possuem liberdade em escolher e manter contato com uma pessoa ou não. Ao mesmo tempo em que na vida real elas têm necessidade de manter essa ligação. Ainda que não seja uma boa interação na vida real, elas precisam aceitar seus limites e pensar sobre as responsabilidades das suas ações realizadas frente ao outro. As pessoas possuem necessidade em serem reconhecidas pelas suas características e personalidade exibida ao público nas redes. Quando não conseguem alcançar a ideia ou feedback esperado, elas se desapontam. Se tornando sujeitos que dependem da aprovação de pessoas que muitas vezes nem os conhecem.

Nas redes sociais digitais, há uma oferta muito grande de informações instantâneas. Isso, pois, por exemplo, ao rolar o feed das plataformas, pode-se acessar num curto espaço de tempo vários tipos de publicações de textos e notícias simplificadas, a fim de proporcionar uma leitura mais rápida. Sob essa perspectiva, entende-se que esse fenômeno pode causar prejuízo à capacidade humana de interpretar, refletir e de ser crítico com o que lhe é apresentado no ciberespaço. Carr (2011), afirma que a internet está formando mentes que necessitam receber e partilhar dados de uma forma muito rápida, incoerente e muitas vezes sobrepostos – o mais rápido possível. O autor ainda faz um alerta aos seus leitores para refletirem mais sobre essa comodidade que a internet proporciona e cita que esse acesso rápido às informações dificulta a interpretação cognitiva dos usuários a esses conteúdos. Entende-se, sob essa ótica, que as redes sociais digitais incentivam uma leitura sem reflexão, o pensamento acelerado e um aprendizado superficial daquilo que se lê.

Lévy (1999), afirma que as redes interativas digitais fizeram surgir novos modos de isolamento e de sobrecarga cognitiva, de dependência e de bobagem coletiva. O autor remete a bobagem coletiva com à ausência de criticidade e ao acúmulo de conteúdo sem sentido. Analogicamente, nos dias atuais, o isolamento pode ser comparado ao fato de que muitos indivíduos estão preferindo se relacionar por meio das redes sociais digitais do que com as pessoas do seu convívio e familiares e a sobrecarga cognitiva pode ser comparada ao que foi mencionado no parágrafo anterior, ou seja, ao elevado número de informações instantâneas presentes na rede leva a dependência a qual muitos indivíduos não conseguem ficar sem acessar as redes por muito tempo.

Silva e Serafim (2016), afirmam que alguns autores julgam que passamos pela sociedade da informação. Momento em que a sociedade se encontra em constante transformação, na satisfação e qualidade de vida na sociedade. Com a criação do espaço cibernético, as redes sociais são encarregadas das mudanças culturais e sociais. Tornando-se uma ferramenta de trabalho, entretenimento, educação e socialmente cada vez mais indispensável.

Posto que, grande parte da população obtenha acesso às redes sociais digitais, ainda é preciso que as pessoas tenham responsabilidade quando se trata da utilização desse tipo de ferramenta. Através da liberdade ao acesso a inúmeros tipos de informações, é preciso saber interpretar e administrar as redes sociais digitais a favor de quem as utiliza.

“A história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas hoje mediadas pelas tecnologias digitais” (Santaella, 2013, p. 33). Neste sentido, o consumo não seguro dessas redes pode ter impacto negativo com graves prejuízos a vida dos indivíduos em sociedade, além de colaborar com prejuízos emocionais

significativos, existindo uma intrínseca relação entre o acesso irrestrito das redes sociais digitais e a saúde mental, aumentando a vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos psicológicos.

Discorrendo sobre a dependência que o uso da tecnologia pode ocasionar, moldando ações e manipulando comportamentos, tendo como efeito a superexposição com o objetivo de alcançar números e visualizações a qualquer custo, Frieiro (2000) afirma que as mídias sociais, fazem com que as pessoas se exponham na internet em busca de visualizações e curtidas de maneira exacerbada, onde muitas pessoas acabam realizando comparações ascendentes e descendentes com outros usuários. Por meio de comparações ascendentes, as pessoas que podem ou não estar em seu convívio, ganha espaço para julgar as características do outro ou até mesmo a maneira como aquela pessoa se mostra diante as escolhas das suas ações advindas de um estilo de vida específico. Frequentemente, esse tipo de ação não é aceita de uma forma amigável, mesmo que obtenha uma das melhores intenções com aquela atitude.

Nascimento (2018), expressa acerca da possibilidade de modificação e representação que as redes digitais dispõem a seus usuários, possibilitando a exibição daquilo que se gostaria de ser, produzindo uma identidade virtual contrária a realidade ou até mesmo baseado no que se pretende ser enquanto participante da sociedade, permitindo expor opiniões e posicionamentos que antes não se ouvia ou por ser destoante da sua realidade, não se podia ser manifestada.

Ante o exposto, baseado neste leque de possibilidades é indiscutível que esta nova geração que navega e se expressa através das redes sociais digitais, estando a cada dia mais conquistando o espaço na sociedade e ordenando uma nova forma de relacionamento e convivência entre indivíduos. Observa-se diversos autores contemporâneos dissertando sobre o assunto e compreendendo de maneira geral que um novo sistema modificou a realidade global e impactou a sociedade em todos os seus âmbitos de relação, trazendo benefícios e sobretudo evidentes consequências a uma vida saudável e ordeira em comunidade, apresentando um fenômeno que muda profundamente e sugestionam as formas de identidade e organizações, implicando em uma reorientação do pensamento científico.

## **2.2 Discorrer sobre o processo de adultização infantil nas redes sociais digitais.**

A concepção de infância nem sempre se fez presente na sociedade. Se, atualmente, no Brasil, essa fase de desenvolvimento possui até mesmo um estatuto voltado à proteção dos seus direitos, o Estatuto da Criança e do Adolescente, houve períodos históricos em que a criança sequer era vista como um sujeito que possuía direitos a serem respeitados. De acordo com Ariès

(1986), na era medieval, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e elas se comportavam como tal. No entanto, Ariès (1986) relata que esse fato não fazia com essas crianças fossem negligenciadas ou rejeitadas, porém, não havia uma atenção direcionada à essa fase de desenvolvimento tão particular que diferencia os aspectos infantis dos adultos, ou seja, a concepção de infância ainda não existia. De acordo com Ferreira, Ferreira, e Melo (2021), a priori, a existência da criança, por assim dizer, não possuía condições sociais e tratamento condizentes com o estágio de desenvolvimento vivenciado. Ante a isso, o seu perfil identitário não repercutia nas relações interindividuais. Em consequente, ainda segundo Ariès, em tempos medievais, “apenas o tamanho físico” diferenciava e identificava, os adultos e as crianças, o que em decorrência perante ao cotidiano desses homens e meninos, mulheres e meninas tinham uma convivência sem grandes moderações ou reservas, tendo assim a visão de como se fossem iguais, no entanto sem alcançar os mesmos direitos.

A partir da Idade Moderna, a criança começou a ser vista como um sujeito que possuía singularidades, as quais lhe concediam um novo estado social, ou seja, surgiu um “sentimento de infância” (Ariès,1986, p.42). Contudo, esse sentimento, segundo Postman (1999), possivelmente irá se extinguir, pois as crianças têm acesso a grande parte de informações de cunho adulto, nesse sentido, conseqüentemente, isso acarretará na perda da infância e em uma adultização precoce. O processo de adultização infantil se relaciona ao afastamento da criança do seu universo infantil e a introdução no “espaço dos adultos”, o que está acontecendo cada vez de forma mais precoce, e por esta razão deve-se pensar nas conseqüências no processo de desenvolvimento infantil, com implicações físicas e psicológicas.

Tendo em vista que a infância é a uma das principais fases do desenvolvimento humano, Postman (1999) traz a ideia de que o empobrecimento e abandono desse ciclo, faz com que a separação entre a fase adulta e a infância se extingue, trazendo o termo de “desaparecimento da infância”. Porém, para entender esse desaparecimento é necessário compreender as implicações desse ciclo da vida, e assim perceber seu desaparecimento,

[...] a sociedade pós-industrial, principalmente devido à influência da televisão, está conduzindo ao desaparecimento da infância. Quando oferece a todos, de forma indiscriminada, a informação que antes estava reservada ao adulto, a televisão, tende a apagar os sinais particulares da infância. (Postman,1999, p. 21).

Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), ratificam que a adultização infantil, encontra-se estreitamente associada à mídia, mudanças sociais e ao consumo em tais ambientes virtuais. Além das novas organizações familiares, as quais, crianças vivenciam formas de convívio distintas, tendo acesso a informações e conhecimentos diversos. Tendo em vista, uma nova

geração de crianças que obtém estímulos para adultização de maneira acentuada, Araújo (2016), expõe que em diversos contextos e em todas as esferas da sociedade o processo de adultização infantil é algo a se preocupar, trazendo reflexões acerca das implicações acarretadas para a criança e também no adolescente, através do consumo da mídia e sua influência, publicidade infantil e adultização na atualidade. Para o autor, não se pode responsabilizar a criança por este processo, mas sim “Pais e familiares são diretamente alcançados, já que são eles quem tem o poder aquisitivo e acabam então cedendo os desejos das crianças e respondendo às expectativas comerciais” (Araújo, 2016, p. 38). Para Hensel (2015), as mídias evidenciam a criança como um mini adulto, assumindo um papel na elaboração da identidade das crianças, papel este outrora da família, mas em decorrência da falta de tempo para esta função, a mídia e as redes sociais digitais assumem os “cuidados” neste processo, entendendo assim a grande responsabilidade que os pais tem para a colaboração da adultização de seus filhos.

Vygotsky(1984), traz a ideia de que a criança inicia seu processo de aprendizagem antes mesmo de começar a frequentar a escola. Deste modo, é possível visualizar que nas vivências atuais, as crianças já possuem certa facilidade de se adequarem à funcionalidade das redes sociais digitais. As crianças introduzem a socialização com as pessoas, em sua própria residência, com seus pais e familiares. O período em que entram em contato com as redes sociais, a única dificuldade que apresentam é em se adequar às ferramentas utilizadas para a divulgação de atividades realizadas no seu dia a dia ou até mesmo em eventos importantes. O autor ainda destaca sobre as características humanas que não são adquiridas por meio do nascimento, nem pelos efeitos em que o ambiente proporciona a eles. O vínculo entre homem e sociedade, gera resultados, no qual, o espaço que antes era considerado somente como ambiente em que a pessoa se localizava, torna-se o meio em que procura atender suas necessidades básicas. Através da aquisição da cultura, funções psicológicas elementares se tornam funções psicológicas superiores, conduzindo liberdade e consciência de suas ações, frente às situações vivenciadas no meio em que reside.

Menezes (2016) conclui em sua obra que para o mercado consumidor a criança é um nicho, onde elas são adultizadas e inseridas em um mundo de engajamento sendo superexpostas, adentrando assim como os adultos em um mundo onde:

[...] “adultizando-as”, mediante a erotização de seus corpos e da sua inserção no mundo de compromissos e horários marcados para inúmeras atividades que mais atendem a uma necessidade capitalista neurótica do que a própria necessidade orgânica e educacional da criança. (Menezes, 2016, p11).

Partindo desse pressuposto, outra questão que se relaciona com o fato, é que as crianças estão cada dia mais cedo envolvidas com redes sociais. Araújo (2016), discorre que meios de comunicação como propagandas, desenhos animados e comerciais, influenciam grandemente o consumo de produtos e ideias destas crianças. Assim sendo, por vezes a criança acaba sendo levada a ter vontade de adquirir algo anunciado em veículos de comunicação, e busca ficar parecida com referências que são destinadas a adultos ou algum personagem de jogos, desenhos, filmes e brinquedos.

De acordo com Postman (1999), o advento da concepção de infância, conseqüentemente, também propiciou a definição e a conceitualização da fase adulta, visto que é necessário se ter o conhecimento sobre essas fases para poder distingui-las. Segundo o autor, os adultos dispõem do saber, enquanto que as crianças, ainda não possuem o desenvolvimento necessário para se tomar posse de todo esse saber do mundo adulto. No entanto, no atual marketing presente nas redes sociais digitais, não há essa distinção do que a criança pode assimilar de acordo com o que seria adequado para sua fase de desenvolvimento. Nesse sentido, quando as crianças estão inseridas nesse meio de marketing digital, necessita-se, imperiosamente que se tenha uma maior atenção voltada a essa questão.

O aplicativo *Instagram*, por exemplo, é uma das redes mais populares que é utilizada para fazer propagandas de grandes marcas e conquistar os consumidores por meio dos *influencers* digitais, desse modo, quanto mais esses tiverem seguidores, mais consumidores essas marcas terão. O problema surge quando esses *influencers* são crianças, crianças essas que por influência das marcas estão se tornando adultizadas nas redes sociais digitais. É comum ver, por exemplo, crianças utilizando roupas características de adultos, sensuais e erotizadas, fazendo propagandas à produtos destinados ao público adulto, como cosméticos, e se expondo por meio de danças sensuais com músicas nada convencionais à fase da infância.

Segundo Postman (1999, p. 142), a indústria de roupas de criança passou por grandes mudanças na última década, de modo que o que era outrora inequivocamente reconhecido como roupa “infantil” praticamente desapareceu. Ainda segundo o autor, “O fato é que estamos passando pela reversão da tendência, iniciada no século dezesseis, de identificar as crianças pelo modo de vestir. À medida que o conceito de infância diminui, os indicadores simbólicos da infância diminuem com ele”. Nesse sentido, entende-se que o modo como as crianças estão se vestindo, por exemplo, é apenas um dos efeitos desse desaparecimento da infância, visto que a sua exposição nas redes sociais digitais tem influenciado não apenas esse aspecto, mas também da fala e do comportamento infantil.

Nas redes sociais digitais, as crianças estão sendo persuadidas a se comportarem como adultos e a se assemelharem cada vez mais a esses. Isso, pois, essas crianças recebem até mesmo roteiros de fala para trabalharem com o marketing digital. Conseqüentemente, sua fala tende a se tornar mais adultizada devido a criança, muitas vezes, não ter a liberdade de se expressar da forma como deseja, mas sim a partir de um roteiro preparado por um adulto.

Ademais, a adultização infantil pode acarretar diversos prejuízos a saúde física e psicológica da criança.

O excesso de atividades na infância, implica o aparecimento de doenças e transtornos típicos de um organismo estressado e sobrecarregado, tais como enxaquecas, dores estomacais, distúrbios do sono (insônia, terror noturno), alimentares (obesidade, anorexia, bulimia) e transtornos psicológicos (ansiedade e depressão). Menezes (2016, p. 09).

Desse modo, fica claro que o processo de adultização infantil nas redes sociais digitais de fato está prejudicando essa fase de desenvolvimento tão valiosa ao ser humano, pois essa se torna fatalmente prejudicada quando a infância não é vivenciada e respeitada de acordo com o seu tempo, mas sim vivenciada de uma forma indevida para a sua faixa etária, como pela inserção sem filtro da criança nesses meios tecnológicos. Nesse sentido, é possível fazer uma analogia ao pensamento de Postman (1999) em seu livro, o desaparecimento da infância, quando o autor faz uma crítica sobre o avanço da tecnologia do século vinte nos Estados Unidos:

O choque da tecnologia do século vinte entorpeceu nossos cérebros e estamos apenas começando a notar os escombros espirituais e sociais que a tecnologia espalhou à nossa volta. Quanto a infância, creio que ela deve ser, afinal de contas, uma vítima do que está acontecendo. A eletricidade arruína o tipo de ambiente informacional que cria e nutre a infância. (Postman, 1999, p. 160).

### **2.3 Possíveis danos psicológicos causados pela superexposição infantil nas redes sociais digitais**

Skinner (2007), afirma que as pessoas estão cada vez mais interessadas na explicação do comportamento humano. Após compreender e prever o comportamento, é possível que se obtenha o controle de determinado comportamento de acordo com sua habilidade de manipular tal ação. As relações funcionais que estejam ligadas as mudanças nas variáveis, faz com que se torne importante uma análise intrínseca e precisa sobre o que mantém determinado comportamento. A ação dos indivíduos não deve ser avaliada com base no físico, e sim nos mais variados tipos de personalidade que compõe tais comportamentos diante a sociedade.

Haja visto, Silveira Netto (2010) remete a ideia de que a sociedade é um espaço que foca e valoriza a graciosidade, a moda e notabilidade das pessoas frente a meios de comunicação

e entretenimentos por meio de ferramentas essenciais para o desenvolvimento de um sistema cultural. A infância é um período da vida sócio-histórica e de constante transformação cultural.

Pereira (2014) corrobora que a falta de incompatibilidade entre as identidades, produz uma batalha interna, ação que pode ser evidenciada por meio do comportamento do sujeito frente as situações. Erikson (1972) defende que na adolescência o indivíduo vivencia uma difusão de papéis, no sentido que se torna difícil para desempenhar uma identidade que esteja em concordância com a sua subjetividade e com o mundo exterior. A identidade desses sujeitos, segue a transformação ininterrupta e acelerada da sociedade. Além de que, é necessário que as pessoas compreendam que a identidade do sujeito é algo construído, onde seu meio será um dos maiores estimuladores para a promoção de um ser de relação, que realiza e modifica o meio que está inserido.

As mídias sociais se beneficiam da identificação das pessoas em propagandas, com o intuito de sensibilizar o telespectador/consumidor com o produto que está oferecendo. Apesar dos produtos oferecidos serem simbólicos, o uso social proporciona interpretações diferentes a variadas práticas. Como por exemplo, a cor de uma roupa pode influenciar em que tipo de ambiente se torna mais propício a sua utilização.

Adjacente a isso, atualmente a expressão da língua inglesa *sharenting* vem crescendo em debates a respeito da superexposição e privacidade infantil. Tendo isso em vista, tal termo vem da etimologia *share*, que traduz-se compartilhar, e *parenting*, que pode ser traduzida como o exercício da maternidade e paternidade. Keltie Haley (2020) salienta que *sharenting* é a utilização que os pais fazem de meios digitais, como redes sociais, para compartilhar postagens de texto, fotos e vídeos, que contém informações sobre seus filhos, ainda crianças. Assim sendo, o *sharenting* pode causar interferência no desenvolvimento de crianças ou adolescentes, já que possui o alcance de mudar os aspectos singulares a formação identitária de cada um. Além da possibilidade de os colocar em alguns riscos, tais como: furto da ciberidentidade, *bullying*, *cyberbullying* e até possível rejeição de emprego no futuro.

Segundo Pereira (2021), é evidente que a inserção das crianças no mundo virtual pode ocasionar distúrbios tanto no presente quando para o futuro dessas crianças e adolescentes superexpostos muito cedo nas redes sociais digitais. Essa superexposição, em suma feita pelos pais sem o consentimento dos filhos, tendo a intimidade deles exposta e sua vida particular violada, estando dessa forma suscetíveis a infringir direitos de seus filhos, sendo de responsabilidade dos pais o cuidado para com os conteúdos que estão sendo consumidos pelos mesmos. Para a autora, as crianças necessitam de serem vistas como seres de direitos e vontades

próprias. Benetti (2021) acredita que os genitores por vezes não tem dimensão ou compreensão dos riscos e ameaças que estão submetendo seus filhos ao compartilharem informações privadas e íntimas destas crianças. O autor acredita que os genitores sujeitam seus filhos a tal exposição para ganhar mais visibilidade nas redes, além de visar a obtenção de lucros que a redes sociais digitais proporciona.

Plunkett (2019), discorre que na internet os pais não recebem nenhum um aviso que os advertem, como em uma carteira de cigarros, ou uma bula de remédio. Assim sendo, ora os responsáveis ignoram, ora não entende-se de modo condizente as mídias sociais. Ademais, muitos pais não possuem o conhecimento quanto ao alcance da exposição e coleta de dados privados consentidos em meios digitais. No entanto o compartilhamento, por vezes não é feito apenas por meio dos pais, mas também feito de maneira que o “sharenting” é também por parte de outros adultos que fazem parte da vida destas crianças.

Outrossim, segundo Pereira (2014) as mídias sociais vendem felicidade a todo tempo e lugar onde esteja inserido, composto por pessoas de todas as faixas etárias. Inquietações sobre a perfeição que o corpo pode oferecer, e tudo aquilo que se refere a uma idealização do corpo ideal que a própria pessoa condiz em obter. O adulto almeja por uma vida leve, motivando uma certa independência da criança antecipadamente para que assim, o adulto tenha uma maior liberdade em desfrutar sua jovialidade por um intervalo de tempo maior. É visto que, no mundo moderno as pessoas possuem visões distintas sobre que estilo de vida adotar, muita das vezes os pais concedem responsabilidades em demasia a criança, simultaneamente, esses pais podem estar em um embate pois sua ação atual vai contra seu dever de prática. Seguindo tal premissa Benetti (2021) fala sobre os prejuízos que tais atos podem impactar na vida das crianças e adolescentes:

E é nessa linha que a integridade moral e psíquica da criança e do adolescente pode ser violada, o que poderá causar inúmeras consequências ao seu desenvolvimento moral e emocional, além do risco de que tais publicações poderão, por muitos anos, serem lembradas por colegas e até mesmo utilizadas como meio de prejudicar sua moral. (Benetti, 2021, p. 68).

Analisando os impactos que a mídia exerce sobre o desenvolvimento infantil, Hensel (2015) traz contribuições e cita possibilidade de prejuízos: “Entre as influências mais frequentes da mídia na vida da criança estão o aumento do consumo, da obesidade, da erotização precoce, da violência, do estresse familiar e do sedentarismo infantil.” (Hensel, 2015, p.16). Ademais, acarretar perigos para o desenvolvimento infantil, interferir na autoestima, necessidade de

aprovação e visibilidade, ansiedade e as questões como o cyberbullying e aliciamento, são algumas das implicações que o *sharenting* pode provocar.

Para Menezes (2021) a saúde mental da criança está em risco devido a ocorrência da superexposição. Outra problemática recente, a qual as crianças estão sendo expostas é a preocupação com o padrão de beleza e erotização de seus corpos que é imposto através das mídias, as quais sendo entronizada neste universo começam a se preocuparem com seus corpos estarem ou não parecidos com o ideal proposto. No entendimento das autoras Guizzo e Beck (2011) as crianças estão sendo influenciadas a apresentarem características associadas a exorbitante preocupação com a aparência, à erotização e à sensualidade. E através destes sintomas começam a emergir preocupações e cobranças. Quando submetidas ao “sharenting” as crianças acabam por embarcar no mundo dos adultos e às suas críticas e cobranças. Adjacente a isso, segundo os autores Dias (2001) e Roché (1994) tendo em vista o sentimento de insegurança, ressaltam que a influência da percepção do ambiente e da organização social nas experiências individuais, e as relações sociais desempenham papéis cruciais na formação do sentimento de insegurança.

Papalia e Feldman (2013), abordam o processo de autoestima infantil presente no desenvolvimento da identidade na terceira infância. Para tratar sobre o assunto, as autoras remetem ao quarto estágio da teoria psicossocial de desenvolvimento de Erikson (1982), o qual ocorre em torno dos seis anos à puberdade. Nessa fase, a criança passa por um estágio denominado “produtividade *versus* inferioridade”, o qual é muito importante para a autoestima, pois nesse estágio a criança desenvolve a compreensão da sua competência e habilidades produtivas, ou seja, ela desenvolve a virtude de competência. Segundo os autores supracitados, nesse estágio, “a criança deve aprender as habilidades produtivas que sua cultura requer ou então enfrentará sentimentos de inferioridade”.

Nesse sentido, se referindo à enorme série de *influencers* infantis nas redes sociais digitais, entende-se que a autoestima dessas crianças poderão estar sendo comprometidas, visto que a superexposição na internet pode acarretar em severas críticas de suas habilidades produtivas. Além disso, quando a criança, por ventura, não consegue produzir de acordo com o que a sociedade e as grandes marcas requerem nas redes sociais digitais, como em publicidades, isso poderá acarretar em um sentimento de inferioridade e de incompetência. Isso, pois, como ela está vivenciando um período em que desenvolve a sua competência de acordo com as habilidades impostas pela a sua cultura, se não conseguir êxito nesse aspecto, ela tende a se sentir incompetente e inferior e isso, conseqüentemente, tende a fomentar na criança um sentimento de baixo autoestima.

Sob essa perspectiva, é preciso questionar se a criança deve e precisa passar por essa superexposição nas redes sociais digitais, visto que, nesse meio, há constantes críticas, julgamentos, competições, conteúdos sem filtros e é um ambiente em que a criança superexposta, com base no que a sociedade prega, deve aparecer sempre feliz e produtiva. Além disso, essa criança não tem a liberdade de brincar livremente sem câmeras dos celulares ao seu redor, em sua maioria, dos seus próprios pais, a fim de filmar e compartilhar toda a sua rotina. Assim sendo, a privacidade infantil também não é respeitada, visto que, até mesmo momentos em que a criança chora, está triste ou irritada, até mesmo a hora do seu banho, é exposta para outras pessoas verem e compartilharem. Nesse sentido, questiona-se a hipótese de que essa superexposição infantil nesse ambiente poderá acarretar sérios danos psicológicos infantis, como a desregulação emocional, problemas no desenvolvimento da identidade e da autoestima.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso, optou-se pela revisão bibliográfica do tipo qualitativa, descritiva, explicativa e básica. Para Cervo e Bervian (2002, p.65, 89):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente, por livros e artigos científicos, além de textos divulgados por meios eletrônicos, procurando explicar um problema, a partir de referenciais teóricos publicados, tendo a intenção de recolher os conhecimentos a cerca de um problema, constituindo-se no processo básico para os estudos monográficos.

A proposta é o olhar através da subjetividade, em busca do sentido dentro do seu meio social e o seu objetivo. Aprender a desenvolver e expor acontecimentos, as inter-relações e etapas que compõem o todo, seja ela de maneira sucinta e explicativa, pois conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa se concentra nos níveis de realidade inquantificável, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Segundo Ferrari (1982), a pesquisa básica é voltada à colaboração, explicação e entendimento dos fenômenos. Além disto, Lakatos (1991), afirma que por meio do desdobramento dos conhecimentos teóricos, sem a aflição de utilizar tais conhecimentos de forma prática. Assim, sendo visto que a necessidade de uma revisão bibliográfica bem detalhada, enriquece a pesquisa teórica.

Para Gil (2002, p. 42), as pesquisas explicativas “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. As pesquisas descritivas, conforme o autor, visam estudar, por meio da descrição, as características de um grupo populacional ou fenômeno, além de também poder descrever a relação entre esses.

A fim de alcançar o objetivo desse trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica de fonte secundária, como método. Para busca de trabalhos como fonte de pesquisa, foram empregados os descritores: redes sociais digitais; internet e saúde mental; *sharenting*; superexposição infantil; internet e danos psicológicos; *influencers e marketing*; publicidade infantil; adultização infantil e *oversharenting*.

As questões que orientaram para a busca pelos artigos científicos, monografias e livros nessa revisão foi: na literatura científica em geral, quais são os impactos psicológicos causados

pela superexposição infantil nas redes sociais digitais e como se dá o processo de adultização infantil?

Foram utilizados 16 artigos científicos, 3 monografias, 1 dissertação e 23 livros. A análise das informações foi realizada por meio de leitura exploratória do material encontrado, em uma abordagem qualitativa. Através do método de pesquisa escolhido, há autonomia sobre a escolha dos diversos caminhos que o tema da discussão pode fornecer ao estudo.

O principal propósito deste estudo não se limita apenas a resolver um problema. A intenção é transformar um tema conhecido, mas não amplamente difundido, em uma perspectiva mais aprofundada da situação.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A princípio, deve-se pensar em como a superexposição infantil nas redes sociais digitais pode ser prejudicial para o desenvolvimento da identidade nessa etapa da vida. A identidade não é um processo inalterado, pois ela segue o seu curso durante toda a vida do indivíduo, é um processo psicossocial que ampara e preserva no sujeito as suas particularidades e define quais os valores e direções que esse deseja seguir durante a sua existência a partir do ponto de vista de Erikson 1972. Segundo ele a identidade é um mecanismo de ajuste entre o ser humano e o meio em que esse ser está inserido.

Sob a perspectiva da infância, visto que o senso de identidade começa a surgir no momento em que a criança começa a desenvolver a autoconsciência e evolui na medida em que as suas cognições se desenvolvem, consoante a ideia de Papalia & Feldman (2013). Percebe-se que a superexposição infantil nas redes sociais digitais pode acarretar danos psicológicos na formação da identidade infantil. As redes sociais digitais é um ambiente em que as crianças, constantemente, são equiparadas a adultos, pois suas imagens são circuladas no mesmo espaço e isso permite que ocorra um sentimento de comparação e de confusão por parte da criança sobre quem realmente ela é e qual espaço ocupa nesse mundo. Ao expor as atividades que fazem parte da sua rotina, a partir de fotos e vídeos, a criança está sujeita a diversos riscos como o *cyberbullying* e criminosos, além de não ter a sua privacidade respeitada.

Para Erikson (1972), o problema surge quando a criança começa a viver de forma precoce a confusão de papéis, que não são característicos da sua fase de desenvolvimento. A difusão da identidade, a qual acontece na adolescência, ocorre quando o indivíduo se sente confuso em relação a si mesmo e ao que acontece ao seu redor, nesse sentido, se torna dispendioso para o sujeito desenvolver uma identidade que esteja em concordância com a sua subjetividade e com o seu cenário sócio-cultural.

Sob essa ótica de Haley (2020), o *sharenting*, faz com que as crianças expostas tenham sua privacidade desrespeitada e o seu brincar interrompido e vivenciem de certa forma uma difusão de identidade precoce. A partir disso, entende-se que o fato de os pais estarem expondo os seus filhos em momentos da sua rotina como em brincadeiras, refeições e momentos íntimos com a família, acarreta grandes danos para o desenvolvimento da identidade infantil. Isso ocorre devido a criança, pelo fato de estar sendo exposta constantemente, poder mudar o seu comportamento e até mesmo adulterá-los para, por exemplo, ser elogiada pelos os seus pais e ser bem vista pelo o outro que a assiste no ambiente digital. Essa mudança de comportamento interfere no curso natural de desenvolvimento da identidade, visto que entende-se que a criança

nesse cenário pode desempenhar papéis que não condizem com a sua subjetividade e assim, ocorrer uma difusão de identidade.

Ademais, outro fator que é extremamente relevante para esse assunto é o fato da superexposição infantil no meio digital fazer emergir na criança um sentimento de insegurança decorrente da necessidade de aprovação e visibilidade. As visões de Dias (2001) e Roché (1994) sobre o sentimento de insegurança destacam a importância da percepção do ambiente e da organização social nas experiências individuais. Dias enfatiza que a insegurança está relacionada à percepção de um ambiente como inquietante e ameaçador, resultando em sentimentos de ansiedade e desconfiança. Por outro lado, Roché sugere que a fragilidade na organização social das sociedades desenvolvidas pode contribuir para o surgimento desse fenômeno. Ambos os autores apontam para a complexidade e a subjetividade da insegurança, que pode ser influenciada por diversos fatores sociais e psicológicos.

A partir dessa perspectiva, atualmente, ocorre um carecimento de autoafirmação, essa conduta revela sobre a necessidade de convencer o outro de algo que ainda não demonstra confiança para a própria pessoa que posta o conteúdo. As redes em meio digital, se tornaram uma regra que mede a insatisfação e insegurança das pessoas sobre si mesmas. A autoconfiança sobre determinada ação, vem de fora para dentro, nunca em nível profundo, pois sempre possuem o receio da opinião do outro. Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), debatem sobre o apossamento das crianças de comportamentos que não se enquadram no contexto de brincadeira, resultando em um processo de adultização antecipado. Atualmente, as crianças possuem necessidade de se mostrarem precocemente responsáveis e independentes diante da opinião dos pais, e a partir disso, é suprimido a manifestação de um aspecto de pessoa frágil, a qual precisa ser protegida dos estímulos que permeiam o ambiente.

A imagem propagada nas redes sociais pelos seus usuários, apresentando uma vida considerada de certo modo perfeita, aos olhos dos seus seguidores, tem acarretado nos indivíduos um comportamento de ocultar suas inseguranças. A necessidade em sistematizar e produzir conexões com a rede faz com que crianças e até mesmo adultos exibam feitos com o intuito de serem aceitos, mesmo que a ação apresentada represente algo singular e íntimo. Hesel (2015), discorre sobre como a mídia pode se tornar um diferencial para que as crianças possam obter a sensação de inclusão na sociedade, permitindo com que acessem uma gama enorme de assuntos variados.

Outrossim, consequências são adquiridas devido à exposição da erotização, obesidade, violência e estresse familiar. Na contemporaneidade, as crianças que são *influencers* digitais expõem à necessidade de aprovação das pessoas independente de quem sejam elas, o que

realmente importa é que tipo de atenção que vão receber. Diante dessas redes, os likes significam popularidade sem mesmo ter conexão com o que realmente gosta, acredita ou realiza durante o seu dia a dia. Esse novo meio de exteriorização da vida das pessoas, faz com que as mesmas criem uma utopia sobre o que realmente poderia ser a vida daquela pessoa. Por meio disso, é possível visualizar se estão se baseando em comparações de supostas vidas ditas perfeitas, a qual abandone a sua singularidade e autenticidade como criança e pessoa.

A procura pela aprovação dos adultos pode comprometer a segurança, autoestima e o seu autoconceito. Quando não alcançam esse apoio e aprovação dentro de seu meio familiar e até mesmo de amigos, a internet se apresenta como o espaço ideal para a aceitação do sujeito. As mídias oferecem um público dinâmico e diverso, assim como as opiniões e comentários também.

O constante acesso às redes reflete na necessidade inerente da aprovação social, é notório que *selfies*, os vídeos, os *likes*, o compartilhamento de opiniões reforçadas por gostos e comentários variados. O humor das pessoas pode ser persuadido e condicionado pelas postagens que transpassam as redes. As crianças apresentam grande habilidade para o manuseio das redes. Todavia, não compreende como o mundo adulto vê essa superexposição na internet, se tornando cada vez mais importante que ocorra o compartilhamento de forma estratégica para que as crianças não sejam vítimas dessa aprovação ou desaprovação.

Além disso, essa superexposição pode impactar diretamente na autoestima da criança o que pode gerar desafios psicossociais devido à exposição precoce de sua imagem nas redes sociais digitais. Visto que a autoestima é a potencialidade da criança de descrever-se e definir-se, a escritora Diane E. Papalia (2013), no livro *Desenvolvimento Humano* (12ª edição) diz que: “a autoestima das crianças pequenas não se baseia necessariamente na realidade. Elas tendem a aceitar o julgamento dos adultos”, tendo isto em vista a superexposição dessas crianças podem acarretar em algumas consequências em sua autoestima, que serão evidenciadas a seguir.

A comparação social é um dos resultados negativos dessa exposição excessiva nas redes sociais digitais que pode levar as crianças a compararem-se com outras que aparentam ter vidas “perfeitas” exibidas. Isso pode afetar negativamente a autoestima da criança, pois ela pode sentir que não está à altura dos padrões estabelecidos por seus influenciadores online. Outra consequência para a autoimagem dessa criança, é a pressão por *likes* e validação por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Quando uma criança percebe a crítica como um fator determinante de seu próprio valor e começa a sentir-se inferior, existe uma probabilidade maior de que ela desenvolva uma necessidade constante de aprovação. Esse desejo por

validação pode, por sua vez, ter um efeito adverso em sua autoestima caso não receba a confirmação que busca.

Por vezes é visto nas redes sociais digitais os pais ou responsáveis construírem uma imagem idealizada de suas crianças, onde se evidencia apenas momentos felizes e bem-sucedidos. Isto pode ser interpretado pela criança como a única forma aceita e submete-las a pressão de ser sempre feliz e perfeita, que é o importante e validado, o que pode prejudicar sua autoestima, pois irá interferir na sua maneira livre de expressar seus sentimentos e imperfeições.

Por conseguinte, a criança começa a perceber que há determinados padrões considerados 'ideais' e 'belos' na sociedade e que devem ser seguidos. A idealização nas redes digitais do corpo considerado perfeito, promove ideais de corpos irreais e padrões de beleza que muitas vezes são associados à felicidade, o que, por sua vez, pode afetar negativamente outros aspectos de sua vida, incluindo seus hábitos alimentares, afim de atingir a aceitação e idealização de beleza preestabelecida. Isso pode levar às crianças a adotarem crenças, de que é necessário realizar dietas restritivas ou comportamentos alimentares prejudiciais para atingir esses padrões. Esta sequência de feitos, poderá ocasionar diversos distúrbios na vida da criança, pois a alimentação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e saúde geral.

Outrossim, a exposição precoce e excessiva nas redes sociais pode moldar a percepção que a criança tem de si mesma e ter um impacto duradouro em seu desenvolvimento psicológico. Tendo isto em vista, é crucial refletir sobre como essa exposição pode afetar a autoestima da criança à medida que ela cresce. Portanto, os pais e responsáveis devem ponderar com cuidado como compartilham informações e imagens nas redes sociais, garantindo a proteção de sua privacidade e segurança. Ademais, é fundamental promover uma comunicação aberta com as crianças, auxiliando-as a cultivar uma autoestima saudável, independentemente das pressões e influências presentes nas redes sociais. Além da importância de uma alimentação saudável na infância, uma boa qualidade de sono também é essencial, no entanto, esse fator também pode ser prejudicado devido a criança estar inserida de forma disfuncional no contexto digital.

A partir desse ponto, entende-se que os padrões de sono podem variar em diferentes idades e culturas, tendo grande destaque na segunda infância, fase em que ocorrem os maiores picos de produção do hormônio do crescimento, essencial para o crescimento físico, reparo celular e desenvolvimento adequado dos tecidos do corpo. Tais padrões, podem ser afetados por expectativas sociais, por exemplo, quando o indivíduo experimenta sentimento de insegurança. Ante a isso, o desenvolvimento de distúrbios relacionados ao sono podem

prejudicar significativamente o desenvolvimento infantil, no crescimento físico e cognitivo, na saúde e no bem-estar. Os problemas com o sono podem variar de uma família para outra, e muitas vezes são percebidos pelos pais, não necessariamente pela criança. Além disso, a definição do que é normal e anormal em relação ao sono infantil deve levar em consideração a idade da criança e seus padrões de sono individuais.

Partindo deste pressuposto, a exposição ou o contato direto com as redes sociais digitais, podem acarretar tais alterações na duração e qualidade do sono dessas crianças. Sabe-se que a qualidade do sono na infância é crucial, não apenas pelo tempo que as crianças passam dormindo, mas também por sua influência nas alterações diurnas do comportamento. Assim sendo, deve-se estar atento e observar que crianças com distúrbios do sono podem manifestar uma variedade de sintomas comportamentais e físicos, como dificuldades de concentração, agitação, choro fácil, entre outros.

Portanto, é fundamental que essas questões sejam investigadas e tratadas adequadamente para garantir o desenvolvimento saudável das crianças e que os pais estejam envolvidos em garantir a qualidade de vida de seus filhos. Desta forma, consultar um profissional de saúde, pode ser necessário para um planejamento de intervenções apropriadas, além de atuar de maneira preventiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo centrou-se na superexposição das crianças às redes sociais digitais e nos danos psicológicos que esta pode causar às mesmas. Visto que é um conteúdo de notória relevância no contexto atual, uma vez que as crianças em presença digital é cada vez mais frequente. Este trabalho visou contribuir para a compreensão do impacto psicológico destas características, sendo possível comprovar que o uso desregulado das mídias sociais digitais poderia, de fato, impactar o desenvolvimento infantil, causando danos psicológicos e emocionais.

Assim sendo, destacou-se a importância da responsabilidade parental na proteção da infância num ambiente digital. Com ênfase, nas narrativas e observações nas crianças, fica evidente que os adultos responsáveis devem adotar uma abordagem sensível e consciente. As conclusões deste estudo destacaram a necessidade de orientação e educação sobre o uso correto das redes sociais digitais para assegurar a saúde mental das crianças. Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar a amostra e realizar estudos longitudinais para compreender os efeitos ao longo do tempo. Além disso, explorar estratégias de intervenção e orientação para pais e responsáveis pode ser um passo importante na busca de soluções para promover relações saudáveis entre crianças e ambientes digitais.

Mediante ao exposto, é notório a importância de refletir sobre a complexidade e sutileza do tema discutido: a superexposição infantil às redes sociais digitais e os danos psicológicos que ela poderia causar. Em última análise, colaborou para uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas crianças na era digital. Esperamos que os resultados apresentados contribua para a reflexão e desenvolvimento de práticas de promoção da saúde mental infantil neste contexto digital em evolução.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, D. (2016). *Adultização Infantil No Século XXI: uma abordagem histórica acerca das concepções de infância* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, RN, Brasil.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara
- Bauman, Z. (1925). *Medo líquido*. (1a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bell, D. (1973) *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix.
- Benetti, A. A. (2021). *O dano moral decorrente da superexposição dos filhos menores, pelos pais, nas redes sociais* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil.
- Berkman, L. F., Glass, T., Brissette, I., & Seeman, T. E. (2022). *From social integration to health: Durkheim in the new millennium*. *Social science & medicine* (1982), 51(6), 843–857.
- Carr, N. (2011). *A Geração Superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura* (Volume 1). São Paulo: Paz e Terra.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A. (2002). *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Prentice, Hall.
- Dias, M. D. A. (2001). *Liberdade, cidadania e segurança*. São Paulo: Almedina
- Dios, S. (2019). *Zygmunt Bauman: Facebook e as armadilhas das redes sociais. A mente é maravilhosa*. Espanha.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed*. New York: Norton
- Ferrari, A. T. (1982). *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Ferreira, H. M., Ferreira, F. I., & de Farias Melo, B. C. (2021). *A adultização infantil na contemporaneidade: as escolhas das crianças*. *Humanidades & Inovação*, 8(68), 208-223.
- Frieiro, P., González-Rodríguez, R., & Domínguez-Alonso, J. (2000). *Self-esteem and socialisation in social networks as determinants in adolescents' eating disorders*. *Health & social care in the community*, 30(6), e4416–e4424.

- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Goulart, E. (2014). *Mídias sociais: uma contribuição de análise* (Volume 5). Porto Alegre: ediPUCRS.
- Guizzo, B. S., Beck, D. Q. (2011). *Corpo, gênero, erotização e embelezamento na infância v.* (p.16-36). Canoas: Textura.
- Haley, K. (2020) "*Sharenting and the (Potential) Right to Be Forgotten,*" *Indiana Law Journal*: Vol. 95: Iss. 3, Article 9.
- Hensel ,L. (2015). *Influências Da Mídia No Desenvolvimento Infantil* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Regional do Noroeste, Santa Rosa, RS, Brasil.
- Jorge, S. P. (2014). *A construção do sentimento de insegurança de crianças em idade escolar* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário da Maia – ISMAI, Maia, Portugal.
- Lakatos, E. M., Marconi, M. A. (1991). *Metodologia científica*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (1ª ed.). São Paulo: Editora 34.
- Menezes, S. (2016). *Adultização da Infância pela mídia: Uma Leitura Sócio histórica*. In: *Revista Psicologia, Acre*, ano 16, n. 2, p. 1-15. vl.2
- Menezes, A. (2021). *Saúde mental de crianças super expostas em redes sociais pode estar em risco*. In: Mousinho, R. UNINASSAU.
- Minayo, M. C. de S. (Org.) (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec.
- Nascimento, M., Ruas, P., Neves, O., Nobre, C., Zárate, L. (2018). *Uma análise do fator cultural em tecnologias persuasivas: um estudo de caso da rede social Facebook*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Nevard, I., Green, C., Bell, V., Gellatly, J., Brooks, H., & Bee, P. (2021). *Conceptualising the social networks of vulnerable children and young people: a systematic review and narrative synthesis*. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 56(2), 169–182.
- Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Pereira, M. G. C. (2014). *Adultização da infância e infantilização do adulto: Uma análise sobre consumo, identidade e estilo de vida na década de 90*. *Anais da ComuniCom*, 2014, 1-14.
- Pereira, F. D. S. (2021). *Superexposição infantil nas redes sociais: os pais como coautores e as consequências jurídicas* (Monografia). Centro Universitário Facex - UNIFACEX, Natal, RN, Brasil.

- Plunkett, L. (2019). *To stop sharenting & other children's privacy harms, start playing: A blueprint for a new Protecting the Private Lives of Adolescents and Youth (PPLAY) act*. Seton Hall Legislative Journal, 44(3), 2.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Roché, S. (1994). *Insecurité et liberté*, Paris: Puf.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na Internet* (Coleção Cibercultura). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Sulina.
- Santaella, L. (2013). *Intersubjetividade nas redes digitais: Repercussões na educação*. In: PRIMO, A. *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina.
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, F. S., and Serafim, ML. (2016). *Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente*. In: SOUSA, RP., et al., orgs. *Teorias e práticas em tecnologias educacionais* (pp. 67-98). Campina Grande: EDUEPB.
- Silveira Netto, C. F., Brei, V. A., & Flores-Pereira, M. T. (2010). *O fim da infância? As ações de marketing e a "adultização" do consumidor infantil*. RAM. Revista de Administração Mackenzie, 11, 129-150.
- Skinner, B. F. (2007). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans., 11ª ed.). São Paulo: Martins fontes (Obra original publicada em 1953).
- Veronese, J. R. P., & wagner, B. L. (2022). *li: imperioso falar em direito ao esquecimento*. Caruaru, Pernambuco: ASCES
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Weber, T., Maffezzolli, E. (2016). *Mídia, consumo e a adultização de crianças: uma reflexão macrossocial*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR
- Lima, N. L. D., Moreira, J. D. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). *As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet*. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 9(1), 90-109.
- da Veiga Dias, V., Ferreira, M. A. D. A., & de Souza Soares, S. (2021). *O que se sabe sobre a relação entre internet, redes sociais e crianças?*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, 15(4), 69-87.